

Anderson Magalhães



GRAFFITI E ARTE URBANA
Metodologias aplicadas em oficinas artísticas do Programa "Gente em
Primeiro Lugar"

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Anderson Magalhães

GRAFFITI E ARTE URBANA

Metodologias aplicadas em oficinas artísticas do Programa "Gente em Primeiro Lugar"

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Prof.(a) Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Magalhães, Anderson, 1977-

Graffiti e Arte Urbana: Metodologia aplicada nas oficinas do programa "Gente em Primeiro Lugar": Especialização em Ensino de Artes Visuais / Anderson Magalhães. – 2015

36 f.

Orientador (a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Rocha, Melissa Etelvina Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. Graffiti e Arte Urbana.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais**

Monografia intitulada *Graffiti e Arte Urbana: Metodologias aplicadas em oficinas artísticas do Programa "Gente em Primeiro Lugar"*, de autoria de Anderson Magalhães, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha – EBA/UFMG

Juliana Silveira Mafra - Mestre

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Anderson Magalhães

GRAFFITI E ARTE URBANA

Metodologias aplicadas em oficinas artísticas do Programa "Gente em Primeiro Lugar"

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha – EBA/UFMG

Juliana Silveira Mafra - Mestre

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus por estar sempre ao meu lado e por abrir as portas quando precisei.

Aos meus pais pelo amor, apoio e paciência.

A Laila Bittar pelo apoio, carinho e companheirismo.

Aos professores e tutores da equipe da Especialização em Ensino de Artes Visuais da UFMG, que sempre foram muito compreensivos e solícitos.

Ao Programa “Gente em Primeiro Lugar” que proporcionou a produção deste trabalho.

A equipe de artes visuais por sempre abraçarem as minhas propostas.

E a todos que, direta e indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

O fim da arte inferior é agradar, o fim da arte média é elevar, o fim da arte superior é libertar.

Fernando Pessoa

RESUMO

Esta pesquisa é trabalho educativo sobre a metodologia no ensino de graffiti em oficinas artísticas que ocorrem dentro de um programa social chamado “Gente em Primeiro Lugar” promovido pela *Prefeitura de Juiz de Fora*, pela *Funalfa – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage* e através da organização social *ACAV – Associação Cultural Arte e Vida*. O objeto principal de análise é a metodologia aplicada no ensino prático, teórico e na pesquisa da cultura hip-hop / graffiti, observando o desenvolvimento do processo e os resultados a serem alcançados. A proposta inicial é a investigação na aplicação das técnicas de graffiti relacionando e associando-o ao ensino de artes visuais e como será o resultado dessa relação, encontrando maneiras eficazes e facilitadoras para este tipo de ensino, auxiliado pela Abordagem Triangular: apreciar, contextualizar e fazer. O debate é feito com os articuladores sobre as oficinas, de como estas estão funcionando e através da reflexão sobre os objetivos alcançados é parte desta pesquisa. A condução é feita através de acompanhamento e participação nas aulas com os alunos e por meio de reuniões pedagógicas semanais com os articuladores culturais (professores), para levantamento de dados, resultados e planejamento das oficinas.

Palavras-chave: Metodologia, oficinas, graffiti, programa social, articuladores culturais.

ABSTRACT

The research is educational work about the methodology in teaching of graffiti in artistic workshops that occur within a social program called “Gente em Primeiro Lugar” promoted by the city of Juiz de Fora, by *Funalfa – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage* and through social organization *ACAV – Associação Cultural Arte e Vida*. The main object of analysis is the methodology applied in teaching practical, theoretical and in research of hip-hop culture / graffiti, observing the development of the process and the results to be achieved. The initial proposal is the investigation on application of technics of graffiti relating and associating it with the teaching of Visual Arts and how will the result of this relationship, finding effective ways and facilitators for this type of education, aided by *Abordagem Triangular: enjoy, contextualize and make*. The debate is done with the teacher about the workshops, how these are functioning and through reflection on the goals achieved is part of this research. The conduction is make through of monitoring and participation in class with students and through of educational weekly meetings with the teachers, for data collection, results and planning of the workshops.

Keywords: methodology, workshops, graffiti, social program, teachers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –.....	17
Figura 2 –.....	18
Figura 3 –.....	18
Figura 4 –.....	26
Figura 5 –.....	28
Figura 6 –.....	29
Figura 7 –.....	29
Figura 8 –.....	30
Figura 9 –.....	30
Figura 10 –.....	31
Figura 11 –.....	31
Figura 12 –.....	32

SUMÁRIO

Introdução	12
1. Sobre o programa “Gente em Primeiro Lugar”	13
2. A cultura hip-hop e o graffiti	16
2.1 O graffiti.....	16
2.2 Graffiti x pichação.....	19
2.3 O graffiti como ferramenta para o ensino de Artes.....	21
3. O graffiti no programa “Gente em Primeiro Lugar”	21
3.1 Como acontecem as oficinas	23
3.2 O planejamento na equipe de artes visuais	23
3.3 A metodologia aplicada nas oficinas de graffiti	24
Considerações finais.....	33
Referências.....	36

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como tema principal a metodologia aplicada, especificamente, nas oficinas de graffiti desde o momento da sua concepção, onde os articuladores reunidos com seu coordenador de área problematizam e constroem saídas didáticas para suas aulas, aplicando as metodologias desenvolvidas nas oficinas com seus alunos. O graffiti é um dos pontos principais deste trabalho porque está dentro do contexto que esse trabalho ocorre. As oficinas acontecem nas periferias e no centro de Juiz de Fora, bairros que, na sua maioria, padecem com a violência, o tráfico de drogas, as condições precárias de saúde e educação, fatores esses que aumentam o interesse por parte dos jovens à procura de uma fuga com o objetivo de mudar sua realidade, então é que surge a proposta da oficina que trata da arte urbana e o graffiti. As ruas são grandes telas em branco, a todo o momento olhos transitam, assim, contribuindo para que os jovens intervenham com suas marcas expressivas através da pichação, das grandes pinturas murais executadas com a tinta spray e os “rolinhos” de espuma, além de diversas técnicas e formas de expressar os anseios, críticas e desejos desses jovens.

No primeiro capítulo é abordado o programa social com as oficinas que são trabalhadas dando ênfase às artes visuais/graffiti e suas características. No segundo capítulo a história do movimento hip-hop, a gênese do graffiti, a arte urbana, seus fundamentos, as características dos estilos, as técnicas possíveis e como servem de instrumentos de constituição social, artístico e cultural. O terceiro capítulo apresenta o estudo de caso, onde são abordadas metodologias, estudos e recursos didáticos utilizados e uma descrição mais detalhada de como ocorrem às oficinas. O trabalho encerra-se na conclusão com reflexões, questionamentos e levantamento de dados com resultados e deficiências encontradas no decorrer da pesquisa.

1. Sobre o Programa “Gente em Primeiro Lugar”

Programa “Gente em Primeiro Lugar”,¹ desenvolvido pela Fundação Alfredo Ferreira Lage – FUNALFA/Prefeitura de Juiz de Fora e gerenciado pela Associação Cultural Arte Vida – ACAV, oferece a crianças e adolescentes de diversos bairros e comunidades o acesso a atividades de arte/cultura gratuitas desde 2009, com objetivo de proporcionar a sensibilização e socialização dos participantes através de oficinas culturais. Os articuladores culturais (professores) também repassam a seus alunos valores sociais, bem como noções de direitos e deveres do cidadão. Além de difundir a cultura e trabalhar as potencialidades de crianças e adolescentes, visa-se a ampliação da auto-estima dos participantes e o afastamento da situação de risco social.

As oficinas abrangem seis áreas, e entre essas há as Artes Visuais que estão subdivididas em artes visuais, artes visuais/graffiti e artesanato. Atualmente, o programa conta aproximadamente com 40 profissionais e atende em média quatro mil crianças em 66 espaços diferentes de 52 bairros de Juiz de Fora contando com a parceria de escolas, centros comunitários, associações, salões paroquiais, entre outros que possam oferecer um local para que essas oficinas funcionem.

O formato de trabalho desenvolvido pelo programa tem um diferencial, que são os seus articuladores culturais, eles se deslocam para os bairros ministrando oficinas artísticas, movimentando as comunidades através da educação de artes com a finalidade de descentralizar o acesso a cultura e de proporcionar atividades que valorizem as crianças, adolescentes e a identidade cultural local, explorando positivamente as potencialidades, promovendo a produção artística e proporcionando a interação social entre outros bairros da cidade.

Com as atividades artísticas promovidas pelo programa pretende-se distanciar os jovens do envolvimento com marginalidade e das drogas almejando expandir o universo cultural; valorizando a auto-estima dos envolvidos, desenvolvendo, difundindo e multiplicando os conceitos e elementos da arte, explorando alternativas ao crescente avanço e consolidação de valores e atividades ligadas à marginalidade em alguns bairros da cidade, garantindo

¹ Informações retiradas do site <http://gente1lugar.wix.com/geplugar#!student-life/c11m6>

direitos constitucionais, apresentando a possibilidade do completo desenvolvimento de suas habilidades e capacidades, tornando-o mais hábil para a convivência social saudável.

Nas oficinas de artes visuais/graffiti são ministradas aulas diferentes do ensino regular, não possui um currículo a ser seguido e muito menos uma avaliação dos participantes, os articuladores são mediadores de conhecimentos, em busca da construção de uma identidade no fazer artístico-cultural, ou seja, são facilitadores das linguagens no campo da arte, educação e da vida. Essa atuação promove, incentiva e, sobretudo, investiga a produção local, tomando como base o respeito às suas especificidades, entretanto, não colocando de lado a produção artística mundial, mas relacionando as realidades e experiências de cada cultura.

Dentro do caráter de produção artística local e mundial, as oficinas tendem a realizar analogias das imagens e símbolos que são produzidos nas periferias das cidades, com as que são produzidas nas periferias das cidades em outros continentes, assim, o aluno passa a entender que ele não pertence somente ao lugar que habita, mas que é um habitante do mundo e como tal deve pensar e agir de forma global, sabendo que pode e deve contemplar, refletir e produzir arte tendo como referências não só o que acontece na sua esquina, mas também o que está acontecendo a *milhas* de distância do seu bairro. De acordo com FERRAZ e Fusari, sobre essa produção em caráter local e mundial afirmam que:

Esses conhecimentos precisam ser metodicamente apreendidos pelos alunos, para lhes servirem de base em suas práticas sociais como cidadãos do mundo – e não só da região onde moram. Estamos, portanto, reafirmando que não é suficiente conhecer-se apenas a arte individual, local, regional. (FERRAZ; FUSARI, 2001, p.70).

Os alunos ampliam suas perspectivas e não devem delimitar as suas potencialidades criativas, pois podem valorizar a produção local e a de outro continente com mesmo olhar, fazendo um *link* com o que acontece no âmbito artístico no seu bairro com a cidade de Tóquio, por exemplo, ou nas periferias de Berlim, as referências são muitas, a globalização estreita as distâncias e as tecnologias facilitam esse estreitamento. O graffiti nesse contexto passa a ser uma linguagem do mundo e permanece assim porque é uma forma de comunicação que não necessita de tradução.

Os espaços que são utilizados como salas de aula nos bairros, muitas das vezes não têm condições para tal função, mas se ajustam para que as oficinas aconteçam independentemente das condições desfavoráveis, estas seguem com seu papel e contam com o apoio dos parceiros locais que cedem os espaços e com o Programa GPL, que promove as oficinas, fornecendo materiais artísticos, materiais de uso didático, de limpeza e às vezes com mesas, com lousas e cadeiras, além de fazer a divulgação sobre as oficinas com panfletos e cartazes no bairro que está recebendo a oficina, escola, igrejas e redondezas.

O Programa hoje, além de atuar em diferentes bairros de Juiz de Fora, conta com dois importantes espaços de lazer, arte e cultura, que são o Centro Cultural Dnar Rocha – CCCR, no bairro Mariano Procópio, localizado no Centro e a no Centro de Artes e Esportes Unificados – CEU, localizado em Benfica na Zona Norte. Esses locais possuem oficinas artísticas e contam com ótima infraestrutura para que aconteçam, além das oficinas também ocorrem atividades culturais.

O trabalho desenvolvido pela oficina de graffiti, em relação à parte didática, envolve inicialmente: a prática do desenho ampliando habilidades psicomotoras, a educação do “olhar”, as técnicas de construção da imagem e da composição, a leitura das produções artísticas, a exploração das técnicas de pintura, a história e a cultura hip-hop, chegando ao momento de manusear uma lata spray para iniciação à prática do graffiti sobre um suporte rígido e culminando no evento que acontece anualmente, onde alunos de diversos bairros se encontram para desenvolver trabalhos em conjunto, vivenciando o graffiti no seu lugar de origem que é a rua, utilizando como suporte os muros.

A partir das ferramentas apresentadas, as oficinas promovem a reflexão do aluno sobre a sua atuação no ambiente social e este por sua vez pode e deve intervir na sociedade, não apenas no meio artístico e cultural, mas também político e social, afetando as pessoas e mesmos próprios indivíduos participantes com expressividade e criatividade, entendendo melhor a realidade que o cerca, apropriando-se de elementos artísticos que possam modificar essa realidade. Nesse contexto RAMOS (2007, p. 10) cita a intervenção social causada pelos grafiteiros “Os grafiteiros recuperam a cidade, o corpo, os meios de comunicação

como lugar da cultura não só dos dominantes, mas do povo, dos que nela vivem e trabalham.”

2. A cultura hip-hop e o graffiti

A cultura hip-hop surgiu nos guetos de Nova Iorque², Estados Unidos na década de 60. Foi um movimento cultural que emergiu nos subúrbios como Bronx, Harlem, Brooklin, redutos de negros e latinos e fortemente ligados a classes menos favorecidas que conviviam com a violência, racismo, drogas e está atrelado a praticas juvenis delinqüentes, como as gangues que se formavam para disputar território nos bairros da cidade. Esses jovens, tanto os que faziam parte da violência, como os que sofriam dessa violência encontraram uma válvula de escape na arte, invés das gangues se confrontarem com agressão física, enfrentavam-se através de batalhas de dança, música ou se expressavam por meio da pintura.

O criador do termo hip-hop é o conhecido DJ Afrika Bambaataa que uniu os diferentes elementos que fazem parte do movimento, que teve a intenção de afastar os conflitos e promover a união e a paz, desempenhando papel importante social com os jovens. Dentro do movimento encontra-se os seguintes elementos, representando a música está o Rap com seus Djs (Disk Jockey) e MCs (Master of Cerimony), na dança com o break, street dance (termo que caiu em desuso, sendo utilizado na atualidade as “danças urbanas”) e suas variantes, nas artes visuais com o graffiti. Este último sendo abordado nesse trabalho com mais detalhes.

2.1. O graffiti

O graffiti ³(termo do italiano *graffito* – designa singular e representa técnica utilizada, ou seja, pedaço de pintura no muro utilizando um contraste entre claro e escuro, *graffiti* – designa plural e refere-se a desenhos) é utilizado na técnica tradicional com o spray, lata com tinta pressurizada que tem um a válvula na parte superior para saída da tinta. Este instrumento de pintura foi ideal para o

² SILVA, 2008, p. 03

³ CRUZ e COSTA, P. 03

movimento que tinha que expressar o desagrado político e apresentar suas ideologias, indo contra as leis e pintando muros, vagões de trens e outros lugares públicos, que demandavam agilidade para pintar, sendo a tinta spray a melhor opção para esse ato.

Existem diferentes tipos de estilos de acordo com os praticantes do graffiti, um dos mais comuns e que é o primeiro a ser explorado pelo iniciante são os tags, este é o primeiro porque é onde o grafiteiro apresenta o seu nome ou pseudônimo de forma visual, e assim ele é reconhecido pela sua *crew* – nome dado aos grupos, gangues, equipes dentro do movimento hip-hop – as *tags* também variam de forma e tamanho. Aqui no Brasil são chamadas também de pichações, mas a pichação não está somente ligada ao nome do pichador, mas isso é um assunto a ser abordado mais adiante.

Exemplo de *tag*:



Figura 1 - Tag

Outro estilo é o *bombing*, rápido como os tags, mas com as letras arredondadas que dispõe de áreas para preenchimento. O *throw up* é semelhante de estilo simples como o *bombing*, mas geralmente é feito com duas ou mais cores.



Figura 2 - Bombing

Existem distintos tipos de estilos como: *wildstyle*, mais complexo e de linhas entrelaçadas, o *freestyle* – livre e improvisado, o *3D* – com perspectiva e como o nome já diz, o desenho é tridimensional. Essas são algumas formas de se trabalhar com a tinta spray, mas o graffiti não se detém só à utilização da lata com tinta pressurizada.



Figura 3 – Wildstyle 3D

Existem outras possibilidades que foram exploradas com diferentes objetos para desenvolvimento deste tipo pintura, neste momento é possível afirmar que o movimento hip-hop extrapolou os seus ideais e adentrou o campo das artes visuais, apresentando para o mundo o *street art* ou *arte urbana*, mas não rejeitando sua essência principal que é a expressão de indignação social, de manifestação e da contracultura. O campo se expandiu e muitas das vezes de forma comercial e algumas obras participando das grandes galerias de arte, como foi mencionado por SOUZA:

O cenário da arte urbana está em evidência. Nas ruas ou fora delas, essa vertente contemporânea experimenta um momento singular: nunca houve tantos artistas talentosos, público crescente, colecionadores, mídia disposta a dar visibilidade, pesquisadores no entorno, publicidade interessada nos traços e na linguagem estética, museus e exposições legitimando o valor das obras, além de galerias e fóruns. Os grafiteiros passaram a receber encomendas para pintar cenários de desfiles de moda, fachadas de lojas e paredes de casas noturnas e a atuar na decoração de interiores de residências. Pintam temas que vão de figuras conhecidas da arte pop, que remontam a Andy Warhol e a Basquiat, a imagens abstratas e elaboradas caligrafias em cômodos, móveis e eletrodomésticos dos domicílios. (SOUZA, 2008, p. 02)

2.2. Graffiti x pichação

Dentro de um contexto social de exclusão, abandonados pelo sistema dominante e discriminados, surge a indignação e o desejo de expressar as injustiças e sofrimento diário. Assim alguns jovens encontram como instrumento simbólico de revolta com nomes, frases ou palavras feitas com tinta spray nos vagões de trens, nas sacadas de prédios e muros dos subúrbios e das cidades. Porém, não é correto afirmar que o graffiti é arte feita somente por grupos de minorias, sem oportunidades ou excluídas sociais. Pessoas com formação artística ou com condição social favorável fazem do graffiti sua maneira de expressão artística. Em relação aos grupos que se apropriam do graffiti, Celia Maria A. Ramos diz que:

Além dos meios e dos códigos, remarcamos que também seus agentes são diversos. Nem sempre só jovens, ainda que na sua

maioria, nem sempre apenas excluídos, mas também estudantes de classe média, artistas já consagrados e muitos emissores anônimos certamente perceberam os espaços da cidade como um suporte interessante para enviarem suas mensagens. Intervenção em espaço público, muitos anônimos estão por lá, difícil de precisar emissores tão díspares. Afinal, a cidade é de todos, isso é certo e o grafite assim o prova. (RAMOS, 2007, p.09)

Então o graffiti como linguagem da rua, não seleciona os artistas, mas o artista o escolhe como meio de expressão, assim a *street art* é uma forma de arte que aceita qualquer indivíduo, mas este que a usa como meio de expressão a utiliza de distintas formas, seja para manifestação política, social, sentimental ou estética. O artista urbano é um agente transformador da mutação que o ambiente natural vem sofrendo, por esse motivo ele se sente convidado a intervir com a sua arte transgressora, mas antes dele infringir a própria urbanização vandalizou primeiro o ambiente natural. Dentro desse caráter de apropriação, a agressão visual acontece independente da manifestação, através das pichações ou *pixações* como os integrantes dessa “modalidade” preferem se rotular. De acordo com Celia Maria A. Ramos, afirma que:

Com o intuito de afrontar ainda mais, jovens provenientes de grupos mais excluídos dos sistemas dominantes - especialmente os que se dedicam a escrever na cidade com um alfabeto criado e recriado constantemente por eles e grafado nas paredes dos prédios de difícil acesso -, assumiram a grafia da palavra pichação com X, afrontando assim não só a cidade com seu alfabeto vernáculo, mas também a gramática oficial da língua portuguesa. (RAMOS, 2007, p.07, 08)

Existe uma grande discussão em relação ao tema graffiti e pichação, onde sempre se coloca a separação, como se fossem dois estilos, mas nos grupos ou *crews* essa separação não existe. Para a sociedade, de uma forma geral, enxerga-se o graffiti como uma forma de arte e enquanto a pichação é vandalismo. Nas *crews*, o que existe é a atitude do indivíduo que faz sua arte, ao mesmo tempo dizem que todo grafiteiro faz pichação, mas nem todo pichador produz graffiti e as atitudes se diferem. De um lado, uma forma de arte acontece com permissão das entidades públicas ou privadas e por outro lado é marginal e

não pede permissão para existir. Desta forma a discussão segue um caminho controverso, mas ganhando novos olhares à medida que o assunto se insere nas diferentes esferas da sociedade.

2.3. O graffiti como ferramenta para o ensino de Artes

Pelo graffiti ser uma arte transgressiva, com característica marginal e ainda mal vista pela grande parte da sociedade, é pouco difundida como linguagem artística⁴ no meio escolar e acadêmico e com pouca abrangência de suas técnicas. É conhecida de forma superficial, sendo reconhecida por alguns artistas como: Basquiat com suas frases e figuras estilizadas, os Gêmeos com seus grandes personagens amarelos, Banksy utiliza o stencil com críticas à sociedade capitalista principalmente, entre outros importantes artistas, sobretudo, não refletem em essência o que é o movimento do hip-hop/graffiti mundial. O que acontece é a valorização destes artistas pela comunicação de massa e a abertura das galerias para suas obras, mas essa arte vai além, com seu jeito singular no comportamento e na atitude.

No ambiente de crianças e jovens das periferias, principalmente das áreas desfavorecidas das cidades, o graffiti é de grande aceitação, pois há identificação imediata com a história do movimento hip-hop e suas características. É nesse recorte que é introduzido o ensino de artes, sendo o graffiti um excelente atrativo para desenvolver atividades que contribuem para a formação cultural, artística estética, além da construção do caráter, passando a ser um agente social e cultural.

3. O graffiti no programa “Gente em Primeiro Lugar”

Antes de ser uma oficina de graffiti, as aulas são de artes visuais que têm como intuito o aprofundamento no ensino das técnicas de graffiti e consistindo em uma oficina de artes visuais/graffiti, levando-se em conta metodologias que conduzem o aluno a aprender também sobre História da Arte, conhecendo alguns artistas importantes, tanto do passado como contemporâneos, treinar o olhar,

⁴ Visto como uma forma arte recente com base na História da Arte, com as técnicas pouco divulgadas, sendo geralmente difundidas pelos praticantes do graffiti.

apreciar obras de arte compreendendo os significados da imagem e a produção de trabalhos que contemplem a reflexão, imaginação e a transformação da realidade que o cerca.

As aulas visam principalmente à prática artística, o desenvolvimento cultural e a socialização dos alunos. As artes visuais não são apresentadas como o único tema de estudo das oficinas. Como o graffiti participa da cultura hip-hop, é também incluído nesse conjunto informações sobre a dança, música e como elas estão intimamente ligadas a esse movimento, contudo não ingressando na parte prática dessas linguagens, que ficam a cargo das oficinas a que estão relacionadas. Essa abordagem valoriza ainda mais o conceito de arte, pois, por mais que as linguagens aconteçam de formas distintas, em algum momento elas se encontram.

As inscrições são feitas por responsáveis acima de dezoito anos, para os alunos menores de idade que decidem entrar para as oficinas, não sendo obrigatória a participação mesmo quando as aulas ocorrem dentro de escolas. As oficinas acontecem com a adesão do público. As aulas, geralmente, ocorrem duas vezes por semana, com duração de uma hora e vinte minutos e dispõe de material totalmente gratuito, que vai desde o lápis, borracha até as tintas spray, materiais de segurança como luvas e máscaras para proteção aos materiais químicos.

A equipe de artes visuais faz um planejamento anual, que é dividido em duas partes, onde uma das partes é de responsabilidade dos articuladores que organizam as suas atividades e ações adequando o conteúdo de acordo com cada turma, visto que elas são formadas por alunos com perfis distintos, faixa etária, turma de iniciantes ou de alunos avançados. A segunda parte é de responsabilidade de toda a equipe, que estabelece os eventos e atividades paralelas no decorrer do ano, como o *Encontro de Artes Urbanas*, visita a exposições, mostras, *Semana das Artes Visuais* e o principal evento que é o *Encontro de Graffiti*.

3.1. Como acontecem as oficinas

Nos primeiros momentos do ano a equipe se prepara para desenvolver as atividades nos bairros e a cada ano as oficinas podem sofrer com alterações. Quando a oficina em um bairro específico padece com a ausência de alunos, isto é, mesmo sendo feita uma divulgação no bairro, não surtindo efeito, a remoção desta oficina se faz necessária, um novo local deverá ser cogitado. Em um novo local é feita a divulgação da oficina, que pode ser em escolas do bairro, através de panfletagem e de cartazes com informações sobre a oficina, assim iniciando uma nova formação de uma turma, que pode ter alunos de idades e condições financeiras variadas, tendo como padrão - turmas com no máximo 25 participantes.

As aulas têm horários específicos de uma hora e vinte minutos e duas vezes na semana normalmente, podendo ser no período da manhã ou da tarde, raramente as aulas são à noite, contudo algumas funcionam no fim da tarde e terminam à noite. Essas aulas, apesar de algumas funcionarem dentro de escolas, não acompanham o calendário escolar, tendo no ano recessos de quinze dias na segunda quinzena de julho e na primeira quinzena de janeiro. Dentro desse período de um ano a rotatividade de alunos é grande, mas existem casos que as oficinas possuem turmas com alunos que se mantêm durante dois e três anos e até aqueles que estão desde o primeiro ano do programa.

3.2. O planejamento na equipe de artes visuais

Tudo começa nas reuniões de planejamento que acontecem uma vez na semana, essas reuniões servem para desenvolver de forma mais específica e aprofundada o planejamento feito para o ano. Para resolver, no grupo, os problemas encontrados em determinadas oficinas e situações com alunos, famílias ou problemas encontrados nos próprios locais que recebem as oficinas. Muitas vezes não se encontram saídas em curto prazo para um problema, entretanto o problema sempre força a equipe desenvolver instrumentos que promovam a resolução das mais diversas origens, fazendo com que o processo passe a ser menos doloroso com o decorrer das oficinas.

No caráter de planejamento didático, a equipe é conduzida pelo coordenador de área que promove diálogos, troca de experiências e cada articulador tem a liberdade para levar ao grupo artigos, livros, vídeos e relatos de experiência, com intuito de auxiliar o crescimento intelectual e didático da equipe. A princípio a coordenação do grupo de artes visuais se ampara na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa para ampliar as possibilidades de trabalho da equipe e na atuação dos articuladores no caráter metodológico com as suas turmas, sendo trabalhadas também as técnicas artísticas, a percepção visual e os conceitos criativos da forma no que compete à construção da imagem, também entrando no planejamento as questões de cunho social, sendo discutidas as situações que os alunos passam em relação ao racismo, preconceito, violência, família, sexo, entre outros assuntos que transitam no dia a dia desses alunos.

3.3. A metodologia aplicada nas oficinas de graffiti

A oficina de graffiti tem em seu planejamento fundamentos que passam pelas técnicas de desenho, teoria da cor, apreciação de obras de arte de distintas épocas e segmentos, construção da forma e diferentes técnicas de pintura até o manuseio da tinta spray sobre diferentes suportes, culminando na pintura nos muros. Durante o decorrer do planejamento é possível ocorrer visitas a exposições de arte que acontecem na cidade de Juiz de Fora, encontros entre alunos de diferentes localidades para a troca de experiências e o rodízio feito entre os articuladores, onde um dos articuladores faz visita na turma de outro da área de artes visuais em um determinado bairro, com a intenção de conduzir em conjunto com o articulador responsável pela turma, uma aula diferente.

Nas aulas para iniciantes, segue-se um padrão que consiste em desenvolver as habilidades psicomotoras, utilizando o desenho, não visando ainda à técnica com o lápis grafite, assim o aluno passa a desenvolver o raciocínio e habilidades motoras que serão cruciais para as atividades que se seguem no decorrer da oficina, principalmente quando houver a necessidade de utilizar a imaginação e a criatividade, proporcionando ao aluno motivação, a resolução de problemas que possam surgir e o gosto pelo conteúdo.

Segundo ALMEIDA (2000, p. 83), a proposta é possibilitar o aluno raciocinar e pensar em tudo que aprende, encontrando respostas para os porquês e soluções inteligentes para resolver os problemas relativos à escola e à sua vida. É através dos estímulos que o sujeito percebe e tem o entendimento do que está ao seu redor. Para que as crianças se desenvolvam, avaliem e reflitam, através das falhas visando respostas e deparando-se com os acertos. O processo dos erros e acertos é importante para a aprendizagem deixando o indivíduo com autonomia no estudo, tornando-o mais lúdico e produtivo.

Nesse primeiro momento o aluno inicia o processo do “fazer arte”, mas esse fazer está intimamente ligado à descoberta do traço e dos limites que este sujeito alcança. A todo tempo o articulador lembra os alunos que podem e devem ir além das suas capacidades. Surge neste momento o aluno que puxa para baixo suas expectativas, dizendo a frase “Eu não sei desenhar!”. É justamente o ponto que o articulador tenta convencer o aluno de que ele tem a capacidade de desenvolver a habilidade do desenho com a prática, através da persistência e da repetição da ação executada, mas deixando claro que cada indivíduo tem o seu tempo e esse tempo é respeitado. O desenho que é cópia fiel da realidade não é um padrão a ser seguido nas oficinas, mas sim aquela realidade que é sentida pelo aluno, desta forma, MAZZAMATI expõe sobre o medo de desenhar:

É por concebemos desta maneira o ato de desenhar que ser ele uma conversa interminável com a realidade. O desenho é uma forma de pensar e se comunicar. Não uma representação da realidade, mas uma conversa direta com ela. A frase “Eu não sei desenhar” refere-se a um só tipo de desenho, ou seja, um desenho que tenta representar as coisas exatamente iguais ao que são na realidade.

Pensar que o desenho correto é apenas aquele fiel à realidade é limitar-se a um único ponto de vista, dentre as inúmeras possibilidades de definição. (MAZZAMATI, 2012, p.28)

Com essa experiência os alunos transpõem o medo de desenhar, durante todo o processo que se segue é que surge a relação de empatia e credibilidade com o articulador, o aluno se permite ousar cada vez mais na prática artística. Essa prática torna-se o alicerce que vai sustentá-los durante o tempo em que participam das oficinas, levando-os a produzirem cada vez mais e com mais

qualidade. Esse primeiro passo é importante para o que vem a seguir, mas não é levado como regra para o aluno seguir, pois a intenção principal é a inclusão do indivíduo nas artes, sem a necessidade de ser um artista, mas que possa entender, fazer e apreciar Arte.

Seguindo com o estudo na oficina de graffiti os alunos continuam com o aprendizado de desenho passando pelo estudo de formas geométricas, anatomia, perspectiva entre outros, mas durante esse processo o aluno começa aprender também a grafia do desenho no estilo utilizado no graffiti, que vai dos *tags*, *bombings*, passando pelo *freestyle* e o *3D*. Esse processo é acompanhado pelo articulador que apresenta a turma o alfabeto no estilo pré-definido e os alunos repetem o que é proposto e tentam desenvolver o próprio formato de letras a partir da experiência com as formas praticadas previamente, que ajudam na construção de um novo estilo de letra.

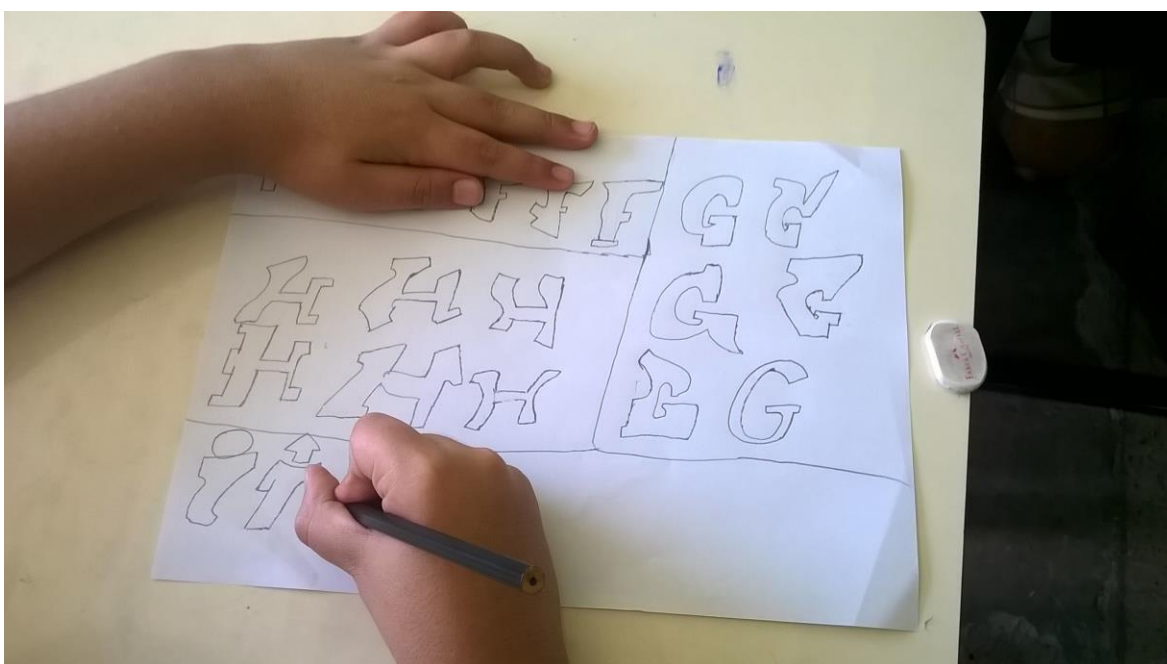


Figura 4 – Aluno praticando o alfabeto de tags

Os alunos utilizam desta prática para que futuramente possam criar suas próprias *tags*, que é uma forma de serem identificados no círculo dos grafiteiros e para que possam desenvolver uma forma particular de expressar o seu estilo, mas esse desenvolvimento é trabalhado em conjunto com conceitos que participam da produção dessas imagens. São trabalhados com os alunos alguns conceitos de figura e fundo, simplicidade da forma, espaço, superfície volume,

linha, textura, elementos que não são aprofundados, mas introduzidos de maneira que possa ser entendido por crianças e iniciantes no desenho.

Conta-se com as experiências vivenciadas pelos alunos no que se refere às imagens, durante os estudos da forma é amplamente utilizada a experiência que o aluno tem para concepção de uma imagem. A percepção do aluno fica aguçada quando são feitas relações das formas com elementos comuns a eles, como por exemplo, utilizar a letra “U” para fazer uma boca sorrindo, a letra “V” para fazer um nariz e dois círculos paralelos para fazer os olhos, além de outras possibilidades que possam ser exploradas dentro de uma configuração. Em relação às experiências visuais no contexto da configuração da imagem, ARNHEIM afirma que:

... a imagem é determinada pela totalidade das experiências visuais que tivemos com aquele objeto ou com aquele tipo de objeto durante toda nossa vida. Se por exemplo, nos apresentam um melão que sabemos ser apenas uma casca côncava, uma meia concha cuja parte que falta não é visível, ele pode parecer completamente diferente de um melão completo que nos apresenta na superfície aspecto idêntico. (ARNHEIM, 1989, p.40)

A partir dessas experiências são introduzidas novas situações que envolvem a observação a apreciação de obras de arte, através de imagens e ilustrações, por meio de vídeos e pela visita em exposições. Os articuladores utilizam como material didático meios eletrônicos como, notebooks e celulares, livros, revistas e vídeos para os alunos terem novas experiências visuais e artísticas, como por exemplo, em uma determinada aula um dos articuladores apresentou para os alunos o filme “Wild Style” de 1983 que tem a cultura hip-hop como tema principal, deste modo os alunos puderam entender melhor sobre a efervescência cultural vivida nos EUA e como se sucedeu movimento hip-hop naquele período.

Em outro momento, foi possível levar alguns alunos para a exposição da Bienal de São Paulo no Museu de Arte Murilo Mendes - MAMM em Juiz de Fora, sendo outra ocasião muito enriquecedora para o desenvolvimento do olhar e apreciar arte, visita essa que teve acompanhamento de um monitor que apresentou o contexto das obras e promoveu a interação dos alunos com atividades criativas e sensoriais. Depois com o grupo reunido foi feita uma

reflexão sobre o que foi visto e relacionando com a prática que os alunos tiveram ao fim da visita. Tais experiências proporcionam aos alunos a ampliação do repertório visual expandindo as suas potencialidades culturais e artísticas. De acordo com FERRAZ e Fusari sobre a apreciação e contextualização, afirmam que:

Conhecer os artistas, ver como trabalham, observar suas obras é outro passo para aprender a pensar e apreciar arte, A observação atenta do trabalho artístico e sua inserção na sociedade, a sua identificação, a percepção da linguagem e dos significados que contém, são conhecimentos específicos do campo artístico e que aprimoram tanto o processo de produção como a percepção estética. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p.29).



Figura 5 – Alunos do programa visitando a exposição da Bienal de São Paulo

Essas experiências proporcionam ao aluno uma real sensação de aprendizado, pois a apreensão dessa vivência acontece de forma agradável, lúdica e produtiva onde os envolvidos percebem a evolução cognitiva, aqueles que participam do seu convívio também a identificam e resultam em um desenvolvimento artístico de forma positiva. As pessoas que passam por essa experiência se tornam mais sensíveis e reflexivas, questionam caso haja necessidade, pela curiosidade e pelo prazer de apenas ter o desejo de saber, a descoberta é o objetivo, mas o processo é mais apaixonante.



Figura 6 - Alunos do programa visitando a exposição da Bienal de São Paulo



Figura 7 - Alunos fazendo atividade interativa proposta pelos educadores do MAMM

Os alunos que estão há mais tempo nas oficinas ou os que evoluem com mais rapidez na prática artística são convidados a participar de eventos que servem para apresentar os trabalhos que são desenvolvidos nas aulas de graffiti. Alguns desses eventos acontecem em parceria com outras áreas artísticas como o teatro, a música e a dança. Na verdade, não há uma troca de atividades, mas

sim a participação em conjunto, onde uma arte complementa a outra, como no *Recital de Música*, com trabalhos dos alunos expostos como cenário e no *Encontro de Artes urbanas o break*, as danças urbanas e o graffiti interagem em um único ambiente. Essa integração das linguagens artísticas é muito comum de acontecer dentro da metodologia que é aplicada no programa.



Figura 8 – Cenário produzido por alunos de graffiti para o Recital de Música



Figura 9 – Graffiti acontecendo em conjunto com a batalha de B-boys no Encontro de Artes Urbanas

No ano de 2014 aconteceu o II Salão de Artes Visuais que contou com trabalhos de alunos de diversos bairros e das áreas de artes visuais/artesanato e graffiti. O salão proporcionou para os alunos a apreciação dos seus trabalhos e das obras produzidas por outros alunos, que também contou com os alunos de teatro com uma intervenção, da música com um cortejo, com a apresentação de

capoeira e a danças urbanas. O salão teve como tema “Voz” – trabalho desenvolvido pelos articuladores que tratava do poder que a arte tem de expressão e com uma importante ferramenta de comunicação.



Figura 10 e 11 - Trabalhos desenvolvidos por turmas de grafite para o II Salão de Artes Visuais

Neste evento, os alunos de grafite tiveram a experiência de sair do meio urbano e produziram trabalhos que participaram em uma galeria de artes, mas sem fugir à linguagem das ruas, o processo para se chegar a esses resultados foram muito satisfatórios e tiveram ainda uma resposta positiva do público que visitou a exposição.

Essas sequências de eventos culminam no momento mais esperado para os alunos, que é o *Encontro de Grafite* onde eles se preparam fazendo esboços do que será o grafite feito nos muros. O local que a equipe escolhe para acontecer o evento, geralmente, é uma escola municipal, pois existe uma contrapartida, o programa leva os alunos, providencia os materiais para produzir o grafite nos muros da escola, enquanto a escola ajuda com a alimentação dos grupo envolvido no evento como: alunos, articuladores e coordenadores.



Figura 12 – Encontro de graffiti realizado na E. M. Eunice Alves

O Evento proporciona a troca de ideias e reflexões sobre a arte que se faz e sobre o que o outro está fazendo. O intercâmbio entre esses alunos revela suas capacidades de fruir arte, de vivenciar o processo artístico mais intenso, da reflexão sobre as suas atitudes e de poderem ter a oportunidade de convivência social, saudável e enriquecedora e eles tem apreço pelos seus professores que os instruíram e promoveram esse encontro. Quando acabam seus trabalhos, os alunos sabem que em algum momento seus trabalhos sumirão, pois eles têm ciência que o graffiti é uma arte efêmera, mas a experiência que fora adquirida jamais poderá ser apagada, e muito menos é efêmera. Sobre a importância do professor no processo de aprendizagem de Arte, BARBOSA, destaca que:

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação. (BARBOSA, 2008, p.14).

Considerações finais

O graffiti, à primeira vista, reflete os anseios de uma sociedade agredida pela violência, drogas, racismo, preconceito, exclusão, pobreza, mas acima de tudo é uma necessidade do homem de utilizar arte como um instrumento de transformação do indivíduo, da sua realidade e a de uma sociedade que passa a argumentar sobre essa transformação, mesmo sendo de maneira negativa ou positiva. Desta forma a oficina de graffiti toma pra si este princípio de transformação e crítica, como objetivo para ser alcançado em longo prazo.

O programa “Gente em Primeiro Lugar”, inicialmente, começou com uma atuação modesta, sem referências didáticas e metodológicas com um modelo de trabalho que não existia na cidade de Juiz de Fora, não havia nenhuma referência de outros programas sociais com o tipo de atuação que ele se propunha. Apenas com base no ensino em arte/educação que os coordenadores e articuladores têm como prática é que se deu início às atividades, criou-se a própria metodologia através das práticas experimentadas em cada encontro com os alunos e com a equipe pedagógica, sendo discutidas as deficiências e conservando os acertos, que são divididos com toda equipe do programa, deste modo melhorando as ações, os planejamentos e os objetivos pretendidos.

Com cinco anos de funcionamento a equipe sofre com mudanças, tanto com a saída de profissionais, quanto na mudança bairros por motivos diversos e com a rotatividade constante de alunos, mas que não afeta a continuidade do trabalho. Assim a metodologia vem se desenvolvendo e a maturidade de todas as equipes, no caso específico desta pesquisa o graffiti, que vem colhendo bons frutos do trabalho que vem sendo feito. Já existem alunos que desenvolvem seus próprios trabalhos através de pesquisas de referência, buscam aprender cada vez mais, procuram outras fontes de informação e até recebem propostas para fazer trabalhos comerciais, mas acima de tudo transformaram suas realidades e isso vem ocorrendo em uma ascendente.

Outros alunos não seguem o caminho da produção artística, mas isso não é uma falha do trabalho desenvolvido nas oficinas, pelo contrário, seguem na direção do princípio transformador, tendo o poder de escolher as suas jornadas no caminho contrário da violência e da exclusão, desenvolvem um olhar crítico,

construtivo e participam da vida cultural e artística da cidade onde vivem. Nos alunos é possível perceber, também, uma melhora considerável no desempenho escolar, entre seus familiares e na convivência social. O intuito dessa oficina não é de formação profissional e artística, entretanto não se excluem essas possibilidades, o objetivo é a de transformação social, contudo, como qualquer outra iniciativa, independentemente se é pública ou privada, de formação social, cultural e artística, muitos destes jovens são perdidos para a violência.

A oficina de graffiti vem construindo sua metodologia a cada passo dado. Há muito ainda para se aprender, mas nem sempre existem recursos à mão para se desenvolver um trabalho de excelência. Uma grande dificuldade encontrada dentro das oficinas está, muitas das vezes, dentro do próprio convívio familiar destes jovens, que sofrem com o descaso, com a falta de recursos financeiros fazendo com que alunos deixem seus estudos para sustentar as famílias, a violência e o abuso dentro de casa, entre outros fatores que os afastam das oficinas. Dentro do caráter de materiais didáticos, como o graffiti é uma oficina cara, pelo uso da tinta spray, nem sempre é possível treinar todos os alunos na sua prática de maneira desejável.

O programa “Gente em Primeiro Lugar” continua com as suas atividades e cada vez mais, ampliando seu alcance dentro da cidade de Juiz de Fora. A oficina de graffiti tem muito para crescer em sua metodologia de trabalho, o processo é contínuo e sempre a equipe vem estudando formas efetivas de atuação no compartilhamento de práticas, experiências e informações para os alunos. Existe uma demanda de jovens que querem participar do movimento hip-hop dentro e fora da cidade, entre outros acontecimentos culturais que são de seus interesses, mas como o programa ainda é algo recente, não existem relatos de como as oficinas afetaram os alunos em longo prazo e não sendo possível prever também até onde os alunos podem participar, promover e agitar a vida cultural e artística juizforana. Acredita-se que muitos destes alunos possuem competência para serem atuantes artisticamente e até podendo ser futuros educadores artísticos e articuladores culturais.

Referências

ALMEIDA, Paulo Nunes. *Educação Lúdica-técnicas e jogos pedagógicos*. São Paulo, Edições Loyola: 2000, 11ª Ed.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção Visual: Uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte / Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

CRUZ, Dayse Martins e COSTA, Maria Tereza. *Grafite e Pichação: Que comunicação é essa?* Linhas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95-112, jul. / dez 2008. <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1351>> Acesso em: 25 set. 2014.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de Toledo e FUSARI, Maria F. de Rezende. *Arte na Educação Escolar*. 2 ed., revista – São Paulo: Cortez, 2001. – (Coleção Magistério 2º grau. Série formação geral).

_____. *Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições*. 2 ed., re.e ampl. – São Paulo: Cortez, 2009.

MAZZAMATI, Suca Mattos. *Ensino de desenho nos anos iniciais do ensino fundamental: reflexões e propostas metodológicas*. São Paulo, Edições SM, 2012, 1ª Ed.

RAMOS, Celia Maria Antonacci. *Grafite e pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte*. 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis, 2007. anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/127.pdf. Acesso em 15 de maio de 2015.

SILVA, William da Silva e. A Trajetória do Graffiti Mundial. Revista Ohun, ano 4, n. 4, p. 212-231, dez 2008. http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/Wiliam_Silva.pdf. Acesso em 04 de julho de 2015.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. *Graffiti, pichação e outras modalidades de intervenção urbana: caminhos e destinos da arte de rua brasileira*. Enfoques – revista eletrônica dos alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ. RJ, 2008. www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/74/66. Acesso em 04 de setembro de 2015.

<http://gente1lugar.wix.com/geplugar#!student-life/c11m6>. Acesso em 28 de setembro de 2015.